

# AUTORES LIVROS

Ano 10  
1334/1944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 01  
Núm. 13

## Noticia sobre João Ribeiro

João Ribeiro — João Ribeiro nasceu em Seropé, na paróquia de Laranjeira, em 21 de junho de 1860. Seu pai, Manuel de Jesus, filho de Manoel de Jesus e de Maria Guilhermina de Jesus. Seu pai, Manuel de Jesus, foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia". Seu pai, Manuel de Jesus, foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia". Seu pai, Manuel de Jesus, foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia".

João Ribeiro nasceu em Seropé, na paróquia de Laranjeira, em 21 de junho de 1860. Seu pai, Manuel de Jesus, filho de Manoel de Jesus e de Maria Guilhermina de Jesus. Seu pai, Manuel de Jesus, foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia". Seu pai, Manuel de Jesus, foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia". Seu pai, Manuel de Jesus, foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia".

Sua educação foi muito boa, tendo sido aluno de vários professores. Ele foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia". Seu pai, Manuel de Jesus, foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia". Seu pai, Manuel de Jesus, foi um dos grandes jornalistas da época, tendo sido fundador do "Estado da Bahia".

Em 1885, prestou o concurso para a Biblioteca Nacional para o cargo de oficial da Secretaria. Foi nomeado. Ali ficou, porém, somente durante cinco anos, até ser nomeado professor do Pedro II. Apaixonado pelos assuntos da Filologia e da História, João Ribeiro desde cedo revelou uma irresistível vocação de professor. Já em 1881, quando chegou ao Rio, se fez professor particular, lecionando no Colégio S. Pedro de Alcântara (Zeferino Cândido) e no Colégio Alberto Brandão. Em 1887, submetera-se a concurso no Colégio Pedro II, disputando a cadeira de Português. Escreveu para esse concurso a tese — "Morfologia e Colocação dos Pronomes". Seis anos depois, entretanto, era nomeado, e a cadeira que lhe coube não foi a de Português, mas a de História Universal. Em 1901 e 1903, escreveu as "Memórias Históricas" do Pedro II. Mais tarde, foi igualmente professor da Escola Dramática do Distrito Federal, cargo em que ainda estava em exercício quando faleceu.

Em 1889, casou-se com d. Maria Luiza da Fonseca Ramos (d. Nhã-Nhã), filha do profes-

sor da Escola Normal, major Luiz Ramos e de sua esposa, d. Leopoldina Carneiro de Mendonça. Teve do matrimônio 16 filhos, dos quais, em 1934, por ocasião de sua morte, existiam quatro casais. Havia dois anos faleceu uma de suas filhas, Vera Maria, sua colaboradora em vários trabalhos, poetisa de talento e sensibilidade, autora do volume de versos "Nihil". Joaquim Ribeiro, seu filho, é também um escritor de real mérito, autor de formosos livros de crítica, filologia e folclore.

Em 1894, formou-se João Ribeiro em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Escrevia a esse tempo para "A Semaninha", de Valentim Manaliães. Esse jornal apresenta o nome de João Ribeiro, entre os dois que formam o corpo de seus redatores, ao lado dos nomes de Lúcio de Mendonça, Pontoura Xavier, Rodrigo Otávio, Luiz Rosa e Henrique Maranhães. E' naquela folha que ele se apresenta candidato a um concurso de contos, obtendo o primeiro prêmio com o seu conto — "S. Boemundo". Ali publica igualmente uma série de artigos sobre assuntos de folclore, os quais irão constituir os seus "Estudos Filológicos".

Em 1894 fez a primeira viagem à Europa. Desembarcou na Alemanha e ali residiu por mais de um ano. Em seguida viajou a Itália, a Inglaterra e a França. Em 1901, fez nova viagem à Europa, visitando os mesmos países, e prolongando a viagem até a Áustria. Em 1911, foi pela última vez à Europa, pretendendo fixar-se lá definitivamente. Para isso fez leituras de tudo o que possuía, inclusive de sua biblioteca pessoal. Fixou-se na Suíça. Mas a guerra, que sobreviu, obrigou-o a regressar para o Brasil.

Essas viagens não eram para ele ociosos passeios de turista. Por ocasião de ardente trabalho e ardente estudo. Durante a permanência em Berlim, em 1893, manteve a publicação de uma revista em português — "O Mundo Novo". Sua era a direção intelectual: a direção financeira era de Júlio Cesar Ribeiro, seu irmão mais velho, que residia em São Paulo a esse tempo, e veio a falecer ainda jovem, no Paraná.

A principal das atividades de João Ribeiro, todavia, nessas suas estadas na Europa, parece ter sido a de estudioso de pintura. No Rio, ele tivera os ensinamentos do Batista da Costa. Assim, em 1895, ao matricular-se em Berlim, nas aulas do professor Wilhelm Wink, já levava um bom princípio de estudo. Em 1901, entra em Milão para a classe do professor Bartegazzi.

Um ano antes, havia realizado no Rio uma exposição de seus quadros. A calcular de uma confidência sua, em carta a Graça Aranha, a crítica não lhe foi lisonjeira. Seus amigos, porém, guardam com carinho

(Continua na pag. 202)



João Ribeiro, num traço de Jerônimo Ribeiro

## SUMÁRIO

- |  |   |
|--|---|
| <b>PAGINA 197:</b>   | <b>PAGINA 205:</b>  |
| — Noticia sobre João Ribeiro   | — Cronologia, de João Ribeiro.  |
| <b>PAGINA 198:</b>   | — História da Bahia, de João Ribeiro, num julgamento de Araújo Junior.  |
| — A História do Brasil, (Discurso de posse no Instituto Histórico, em 20 de abril de 1915), de João Ribeiro.   | — Reprodução da primeira página do primeiro número de O Novo Mundo, revista editada por João Ribeiro em Berlim. |
| — Advogado ao Velho.   | <b>PAGINA 206:</b>  |
| — Fac-símil de uma página inédita e autógrafa de João Ribeiro.   | — Fac-símil de uma poesia autógrafa de João Ribeiro.  |
| <b>PAGINA 199:</b>   | — Um acrostico de João Ribeiro, num autógrafa de Alberto de Oliveira.   |
| — Uma precocidade da Bibliografia de João Ribeiro. (Página do Dicionário biobibliográfico de Sacramento Blake, contendo a biografia de João Ribeiro, e por este emendada). | — Notas manuscritas, de João Ribeiro.   |
| — O Brasil primitivo, A terra e os habitantes, de João Ribeiro.  | — Falta-nos dominar o tempo, de João Ribeiro.   |
| — I de Janeiro, de João Ribeiro.   | — Fotografia da casa em que nasceu João Ribeiro.  |
| <b>PAGINAS 200 e 201:</b>  | <b>PAGINA 207:</b>  |
| — Espírito de autonomia, de João Ribeiro.  | — Os companheiros de Pedro Álvares Cabral, de João Ribeiro.   |
| — A Moda, de João Ribeiro.   | — Fac-símil de uma carta de Joaquim Nabuco a João Ribeiro.  |
| — Um soneto de João Ribeiro, ilustrado pelo proprio poeta.   | <b>PAGINAS 208, 209, 210, 211 e 212:</b>  |
| <b>PAGINA 202:</b>   | — Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea, 2ª série — Antologia da prosa, XIV — Barbosa Lima Sobrinho. |
| — O ensino de história, de João Ribeiro.   | — Barbosa Lima Sobrinho (nota biográfica, com retrato por A. de Nery).  |
| <b>PAGINA 203:</b>   | — Bibliografia de Barbosa Lima Sobrinho.  |
| — A História Universal. Suas divisões, de João Ribeiro.  | — Algumas fontes sobre Barbosa Lima Sobrinho.   |
| — Romagem de 1817 — Frei Miguelinho, de João Ribeiro.  | — Teoria dos alunos de Barbosa Lima Sobrinho.   |
| — Fac-símil de uma carta de Oliveira Lima a João Ribeiro.  | — Cacho Cacho, de Barbosa Lima Sobrinho.  |
| — Fac-símil de uma página do título, preparada por João Ribeiro para o volume que planejara encerrando as suas Crônicas Literárias.  | — A consciência humana, de Barbosa Lima Sobrinho.   |
| <b>PAGINA 204:</b>   | — O fim da vida de Góthart de Andade, de Barbosa Lima Sobrinho.   |
| — Correspondência de escritores. Carta de Carlos Malheiro Dias a João Ribeiro.   | — Fac-símil de um autógrafa de Barbosa Lima Sobrinho.   |
| — Carta da época do Desembramento, de João Ribeiro.  | — Serenatas, conto de Barbosa Lima Sobrinho.  |
| — As Idéias na História Nacional, de João Ribeiro.   | — A União de Machado de Azevedo, de Barbosa Lima Sobrinho.  |
| — A infância da Mocidade, de João Ribeiro.   | — Helena, de Barbosa Lima Sobrinho.   |





O BRASIL PRIMITIVO. - A TERRA E OS HABITANTES.  
JOÃO RIBEIRO

10° O Brasil em quase toda a sua vastidão uma espécie de ilha colossal na altura média de mil metros e cercada pelo oceano e pelas vastas pradarias das Américas e do Pacífico ocidentais, que ficam lá: toda a parte a septentrão de um diâmetro que era propriamente emboreem sobre todos os desfiladeiros. Em todo o caso ainda hoje não se sabe bem em quantos

Nesse município, porém, o relevo é máximo do lado do sul — Ilha S. Paulo, Paraná) onde quase desce a prumta sobre o Atlântico, e ainda muito alto para os índios de Ilha Grossa, onde, com a pr. onde se elevação de altocentos metros, coberta de plamiers e de elatios do Paraná; e de e diminui, empolgando para os alqueiros do Arapua e para os telheiros e prados do Norte. Montanhas existem apenas algumas colinas e, a fora a cadeia marítima, nas litorais sistema anárquico, ao contrário do que nos passa a nossa cartografia litorânea.

Tal e em sua fidelidade de-  
monstrava a nossa terra.

Ao ser descoberto, era o Brasil  
habitado por uma gente de  
muito infima civilização. Viviam  
da caça e pesca, não conheciam  
outras armas de industria ou  
de guerra senão o arco e a cla-  
va e andava em completa ru-  
idez. Enrugados a natureza, os  
indios não conheciam Deus  
nem lei, pois não era conhe-  
cido da possivel o terror da su-  
perstição e a dos males fortes.

A fé dos indios, até o es-

sa altura, (time, que a sua  
para os indios, para eles, não  
de significavam. Por isso,  
tanto, qualquer ultragem feita  
um indio por um só português  
dele eram consideradas feições  
devis todos os portugueses, que  
os encontravam, e que não  
parecer não se, tirado ou ferido  
gratula da parte do  
indio, os civilizados entre  
tanto, ainda hoje, na guerra  
responsabilidade povos indios  
pelos erros ou crimes de por-  
tuguezes indivíduos.

crívio da armada de Cabral, e "serem perdidos, à maneira de avarellhões, de bens rústicos e deq. nãvicos, bem feitos". Quando se diz que a primeira missa na terra firme, ajudaram a elevar a Cruz, e eram nãvicos e "cristãos, que os mil- litarizaram aos cristãos. Estive- ram a bordo dos navios de Cabral, onde não foram entendi- dos, pelas interpretações mal deli-

trabalho, o castigo corporal, a vida sedentária, e a índia que se põe de pé e diz: "viva, viva", ao parecer, indolente, não podia e não gostava de trabalhar. Das mulheres, poucas tinham o conhecimento técnico, e algumas eram alfas.

distinções muito mais de outras pela diversidade das costumes, sempre mudáveis, pela indole pacífica ou feroz ou ainda pelo habito de construir a carne humana, o qual não era de todas as tribus; e distinguam-se igualmente pela variedade das linguas. Nas terras da Ilíria, que foi a mulher e mais cedo conhecida, predominavam pelo numero e valentia os "Tupia", eram diferentes tribus, de qui a nome-

com diferentes nomes; mas a língua delas era, com poucas diferenças, a mesma, donde se lhe chamou mercaderamente mais tarde a "Língua geral". É certo que os padres jesuítas, ao desmola- e por necessidade, da extinta língua geral e substituí-la por uma língua simples e clara, se não a inventaram, a este sentido não ficaram mais que os nomes e

**- João Ribeiro**

nem conseguia até hoje derrotar  
 preside o ano, ainda agora.  
 Começou-se a contar os anos da  
 de Cristo. Por algum tempo  
 Junho o primeiro dia de cada an-  
 o. Rebelde, a cronologia cristã-  
 a, a festejar no dia de Junho a  
 um dende o alvito. Outras re-  
 nças ou distantes.  
 contestar-se a tradição romana não  
 "extrema", que eram os presentes  
 e da esperança.  
 (Continua na pag. 204)

[illegible]

— *Hylas nuchalis*. Rio de Janeiro, 1882, in-28, 61 dr. Silvio Romero, d'auto noticed do poeta e d'auto vivo no: *Revista Brasileira*, tomo 2, pag. 365, transcreve de suas composições as que toam por título: *Sombras, Falsos, Entre os seus, Te qu'importe a Tu he ou não he scaria particular*).

x = base do mil. versos. Primeira edição. Rio de Janeiro, 1884, 62  
págs. 10 x 16 cm. 1a. ed. 1907.

— *Journal of the American Medical Association*, 1914-1916, Vol. 40, January, 1916, p. 8.

— *Estudos patológicos: morfologia e fisiologia*. Rio de Janeiro, 1961. 72 pags., 16-8. — É uma coleção de estudos sobre a fisiologia da reprodução humana, desde os aspectos anatómicos.

— *Marcha do povo e colapso da pronomes: lição de congresso de*  
*partidos e do sistema do colégio de Pedro II Rio de Janeiro, 1886, 80*  
*págs. 19-M.*

— *Exemplar de parafinagem*. Lúpus de pneumonia portuguesa, recordada segundo o programa de 1927. Tito de família, 1937 — Este Parafineto foi usado até 1938, e torcido em 1939 e ha

1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 26

the following cases to the  $\mathbb{R}^n$  norm,  $\|x\|_2$ ,  $x \in \mathbb{R}^n$ ,  $n \geq 1$ , and  $\|x\|_1$ ,  $x \in \mathbb{R}^n$ ,  $n \geq 1$ .

[illegible][illegible]

— *Задача* — В 1941 году в Германии было 101 млн. жителей, в 1942 — 180 млн. жите-лей. — В чем разница?

— *Historical Dictionary of the Republic of Liberia*, 1982, pp. 130-131.

1.  $\frac{1}{2} \frac{d}{dt} \int_{\mathbb{R}^n} |u|^2 dx = \int_{\mathbb{R}^n} u \Delta u dx = - \int_{\mathbb{R}^n} |\nabla u|^2 dx \leq 0$ .  
 2.  $\frac{1}{2} \frac{d}{dt} \int_{\mathbb{R}^n} |u|^2 dx = \int_{\mathbb{R}^n} u \Delta u dx = - \int_{\mathbb{R}^n} |\nabla u|^2 dx \leq 0$ .  
 3.  $\frac{1}{2} \frac{d}{dt} \int_{\mathbb{R}^n} |u|^2 dx = \int_{\mathbb{R}^n} u \Delta u dx = - \int_{\mathbb{R}^n} |\nabla u|^2 dx \leq 0$ .

PERSONAL AND CONFIDENTIAL - This document contains information that is exempt from public release under the Freedom of Information Act, 5 U.S.C. 552.

Via alocada de Bibliografia de João Ribeiro Freire, das páginas 34 e 35 do *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, de Sacramento, São de páginas em homenagem de João Ribeiro. A noção de Brás, como se pode ver foi enviada pelo *Boletim*. É fácil verificar que Sacramento Brás erro ao não ler o ne

1.º DE JANEIRO - João Ribeiro

Ano novo, pra bom. Foi esse  
E assim que todos sentem, na data recreacional abrir a res, janeiro e f  
tudo as esperanças. de Junho, o d

Al decepções receberam-se jubileus para dezembro, ao dar a la bene dita inutilidades.

Por quanto tempo isso o constrói? Ninguém pode deter a liberdade das usas e tradições.

É uma dessas «brevidades, combatidas e impopulares», e a de começar o ano, à moda do gentileio antigo, a primeira de janeiro.

Os antigos romanos, na sua música de sua história, tiveram um dos maiores exemplos de dramaticidade, solididade, independência dos

celas, das pompas e proleções e dos collegios sacerdotais.

gladular problemática quem acrescentou dois me-  
seiros, no ano antigo, e não no primeiro o culto  
deu. Diante que adora para o passado e

...mas não pôde nem conseguir até hoje derrocar  
que pelo menos preside o ano, ainda agora.

...a era cristã. Começou-se a contar os anos da  
da do nascimento de Cristo. Por algum tempo  
era o Natal de Jesus o primeiro dia de cada ano.  
...a liturgia nasceu rebeldes a granadista cristã

... como em Roma, a festejar no dia de Jano a  
nova.  
... conta o seu ano bom de onde o advento. Outras re-

to ocidental submeteu-se a tradição romana não  
mas ainda nas "estreitas", que eram os presen-  
tes da amizade e da esperança.

(Continua na pag. 204)





Outra necessidade de João Câmara — um consórcio do Quadrado por ele achado — esse documento produzido em maio de 1909, após do acidente. D. Nereza procurou não dar, até lá, muita conta a essas coisas, grupo a direção, acompanhando de trabalho. Martão Wanderer. O grande poeta de "Guarnição" teve a gentileza de não se esquecer, para figurar neste número de "Autores e Círculo".





Revolução de 1817 - Frei Miguelinho - <sup>João</sup><sub>Ribeiro</sub>

Um autógrafo de Oliveira  
agradecendo a notícia publi-  
cada em

O formidável imperador do mundo havia desacreditado todos os absolutismos, e demonstrando praticamente que a era da democracia entrava na realidade das coisas.

Neste ponto falhava o apoio

De — História da Revolução de 1934 — de Manoel Tavares, há a magnífica edição anotada por Oliveira Lima (1967) que é a principal fonte.

4917-1420

Re: [redacted]

Na sua primeira edição do arquivo de João Ribeiro, Página de Mário, escrita por ele de um livro que imaginava publicar, encerrado as "Crônicas Literárias" de "O Imparcial", apa-

Os próprios portugueses na América, e até o príncipe D. Pedro, na América, saudavam-me de Bonaparte, dizia-me "bon Dieu" sempre estava a

lato da boa artilharia.

o e ansia de liberdade. Foi o que sucedeu aos perambuladores nas terras que eram arrendo a frade de Sales

Desde as guerras holandesas, consequência do valor próprio

Como outros muitos, foi condenado segundo a cadruçula ex-

pressão das "Ordenações"  
"morreu naturalmente morte  
cruel".

Se a revolução pernambucana fosse menos leída e mais pensada, e se tivesse elementos

P. S. — O autor da monografia do Padre "Inocência" acaba publicando a de Nossa Senhora Aparecida, 1936. O livro de nossa monografia de São Brás.

As páginas da obra de P. M. Sousa, "A vida de P. M. Sousa", são uma verdadeira obra de arte, com uma linguagem clara e objetiva, e uma abordagem crítica e objetiva.

Neste ponto falhava o nupo-

# CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

## CARTA DE CARLOS MALHEIRO DIAS A JOÃO RIBEIRO

Rio, 20 de setembro de 1921.  
Meu amigo e bom amigo.  
Bem-vindas as notícias da sua viagem e do seu trabalho. Nesta idade de uma vida tão impetuosa de descobertas, é muito natural a necessidade de se recolher e ocultar na própria consciência o sentimento.

As suas palavras, porém, tocaram-me profundamente. Muito, muito obrigado. Entre as minhas admiráveis e mais arrastadas e concretas o seu grande nome perdura desde a juventude.

O período que você vive sempre exerceu o seu espírito expansivo a relação com que lhe deu estrutura.

Nota João Ribeiro que a presença da dúvida fundada sobre a viagem inicial de Hageda, Pimton e Lage no Brasil setentrional não aparece provada, ou sequer apoiada por quaisquer argumentos. É verdade; mas a introdução é, apenas, um quadro geral das coisas que se dizem há de ser desenvolvidas nos capítulos. As expedições dos precursores de Cabral não matéria no IV Capítulo — aliás extensíssimo e no qual serão aplicados os recursos da ciência matemática e astronômica ao exame do embolamento problema. Posso adiantar-lhe que pela sua transcendente importância, esse 4.º capítulo constitui um dos mais notáveis da obra, em que se incorporarão também dois extensivos capítulos de análise dedicada às duas expedições de Vesputcio.

No 2.º fascículo (continuação da introdução) transcreveremos o seu prefácio à versão concluída da carta de Caminha, publicada no *Universo*.

Quanto à cartografia, conhecemos o João Ribeiro nas muitas e numerosas viagens. Nunca transmissa com a grãfia e a precisão que se deve esperar. A obra é impressa em Friburgo e há de ser publicada por editores portugueses que trataram como o João Ribeiro e Jaime Cortesão, o Lopo de Mendonça e o professor Luciano Pereira da Silva, a grãfia republicana.

Entre o 2.º e a obra um mosaico de correspondências e sumários, a oficialidade precisa a unidade. O objetivo ainda que se elaboraram os capítulos não os de 1.º volume. Nos subsequentes aparecerão os capítulos, entre os quais espero poder vir a constar. Queremos fazer obra de ciência histórica, não um trabalho de apologia incoerente. A tarefa é gigantesca e não se dá para levá-la a cabo se não se tiver os dois países.

Cada um que cada volume terá cerca de 100 páginas (ideias). Não devemos nos pressar nem o prazo a edição de tamanho ofício.

O 1.º volume está, para conclusão, até setembro de 1922.

O II, que virá com o reinado de D. João III e com a sua iniciação a narração dos acontecimentos, há de ser mais longo.

Por fim, o 3.º volume o Oliveira Lima está escrevendo o capítulo referente à conquista de Pernambuco e a Campanha de João de Albuquerque para ocupar-se da ação dos jesuítas no século XVI com documentos inéditos dos seus arquivos. Referendo na Fe. Cabral, atualmente na Bahia a redação de vasto capítulo dedicado à cooperação da companhia na obra primitiva da colonização. Pretendo pedir-lhe que se ocupe nesse 2.º volume, das primeiras manifestações literárias quinhentistas, mas reserve a salvação para quando o João Ribeiro estiver com o cano de poder avaliar com instruído conhecimento das histórias intencional e do valor científico-literário da obra de um ou outro autor a afirmada noção da cultura brasileira.

Ainda uma vez, cordialmente, os meus cumprimentos.

Seu Amor, Carlos e Amigo muito dedicado

C. Malheiros Dias.

1.º DE JANEIRO

*Embalse, proibiu o império de ser presentes que encorajam os pobres e só podiam aprazido a riqueza dos ricos.*  
Mas com isso o tributo, como continuaram as festas levadas e impuras que engalanaram a tristeza plebeia em dias de loucura e de escândalo.  
Assim, começaram todos a contar e enumerar o tempo de primeiro de janeiro, há mais de dois mil anos, com igual otimismo, alimentados pela esperança de melhores tempos.  
Sim! Não sou do número dos laudatores temporis acti. Creio, piamente, que a idade de ouro não passou, nem chegou ainda, mas alvorece na manhã auspiciosa de hoje.  
1.º de janeiro de 1922.  
("Jornal do Brasil" 2-1-1922)

# Cartas da época do descobrimento -- João Ribeiro

Um dos aspectos mais curiosos da cultura da renascença na que interessa especialmente a história dos descobrimentos é a verificação do estado em que se achavam a cartografia e as cartas de marinha daquela época.  
Era em Portugal que se recolhiam com avidos todos os informes da navegação e onde a arte de copiar cartas e mapas constituía uma profissão próspera exercida pelos cosmógrafos e desenhistas mais famosos do tempo. Se muitas vezes o artista era estrangeiro, a sua oficina era portuguesa e os navegadores lusitanos é que haviam naturalmente as informações de maior valor.

Ainda que não seja intenção nosso passar em revista, como nos deparamos as obras técnicas do assunto, as múltiplas produções da cartografia da renascença, contudo no que respeita ao nosso interesse nacional, e exclusivamente brasileiro, convém relembrar e ilustrar alguns fatos característicos do momento, em que foram reveladas ao mundo as terras do Brasil. Sabemos, por exemplo, da existência de um "mappa-mundi" antigo, o de Pomponio Mela, de que Pedro Álvares Cabral possuía um exemplar.

O "mappa-mundi" de Pomponio Mela, geógrafo latino do primeiro século da era cristã, esboçava com relativa perfeição o contorno do mundo antigo como era conhecido na expansão do império romano, desde o Eufrates até o Oceano Atlântico, com as notícias das regiões asiáticas além daquelas fronteiras.

O exemplar de Pedro Álvares Cabral é ainda precioso por nele se conter o autógrafo do grande almirante.

A obra de Pomponio Mela intitulada-se — "Cosmografia cum figura sive de situ orbis".

A edição era de Salamanca de Nuñez de la Yerva e nela encontramos o planisfério que abaixo reproduzimos.

São raros os exemplares em todo o mundo desta edição que foi a primeira dada à luz na Espanha — e o exemplar cabralino pertence à casa Mappi Bros. de Londres, se, acaso, não foi adquirido pelo preço que aqueles livros exigem de 375 libras esterlinas, que, neste momento em que escrevemos, atinge a vultosa quantia de 18 contos de réis, mais ou menos.

O planisfério mostra-nos as antigas partes do globo, então conhecidas, e é curioso verificar que as diferenças não são muito grandes, comparadas ao desenho das cartas do nosso tempo.

Fazia parte, pois, da biblioteca de Pedro Álvares Cabral não só o que havia da ciência do seu tempo, mas o subsídio da cultura clássica greco-latina.

O descobrimento, porém, do Novo Mundo figura pela primeira vez na magna famosa obra de Gregorius Reisch de título Margarita Philosophica em texto latino, editado em Basileia em 1508 pelos livros Michael Fuxer e Johann Schott.

Este livro, que deu em primeira mão o contorno da América e do descobrimento de Colombo, é uma obra de caráter moral, filosófico e enciclopédico, abrangendo sob a forma de eru-

das dissertações todo o conteúdo do trivium e quadrivium das escolas.

Em 1508 quando apareceu o livro de Reisch havia já muito quanto à natureza continental da América e, por isso, e que no lugar próprio há a seguinte legenda que se lê na parte do trópico do Capricórnio:

Hic non terra sed mare est: in quo mire magnitudinem aquarum, sed Ptolomeo fuerunt incognite:

Isto é:

"Aqui há mar e não terra, e não existem ilhas de tanta grandezca, as quais foram desconhecidas de Ptolomeo".

Foram depois inúmeras as cartas de rumo que partiram a seguiram os informes fidedignos dos amestrados pilotos que revelaram as ilhas ao longo da África e contornaram a parte meridional do mundo antigo ao mesmo tempo que se iam avançando as feições do continente ocidental.

Nem todos os documentos na espécie revelam aptidão excepcional dos desenhistas, mas alguns já de sobre continham legaram atestar a pericia da cartografia do tempo. Entre as últimas cumpre-nos registar um d'alta de interesse para os outros. É o Ptolomeu de Luz, de Veneza.

Este mapa, que é de 1511, regista a Terra de Sanctae Cruz (terra de Santa Cruz) nome primitivo do Brasil e o que ali se encontra resulta dos primeiros informes de Vesputcio.

Trata-se de uma edição do Ptolomeu antigo com os acréscimos e alterações dos descobrimentos e lugares novos:

— "Ptolomeus, Claudius Liber geographicus cum tabula universalis figura et cum additione locorum quae a recentioribus reperta sunt".

Os historiadores da cartografia chamam atenção para o contorno cordiforme do planisfério, o que já incluía uma arte nova da protecção pela primeira vez ensaiada e depois frequentemente repetida.

Já o desenhista estava de posse dos resultados da 3.ª viagem de Colombo e da 2.ª e 3.ª viagens de América Vesputcio, além de outras notícias que tornam famosa essa edição de Ptolomeu, intitulada por Jacobus Angelus com as correções de B. Silvanus de Ebold.

Compreende-se facilmente a importância desses documentos que nos dizem toda a ilustração geográfica familiar nos descobrimentos nos primeiros anos da terra da Vera Cruz ou da Santa Cruz, logo cedo crismada definitivamente em Brasil.

As cartas dão intuitivamente a precisão progressiva do contorno do nosso continente que só no mapa de dois séculos se realmente atingiu, pelo menos na parte litorânea, a sua realidade e exata expressão.

("Revista da Semana")

1-12-923

# AS IDEIAS NA HISTÓRIA NACIONAL

JOÃO RIBEIRO

Um dia, já não sei quando, fui fugir ao tempo, para mim sempre cheio de trabalho, desentrombar de que se poderia escrever um famoso livro sobre o título de — "História das ideias na formação do Brasil".

O título é realmente longo, como seria longo o trabalho e a empresa. A formosura é a propriedade peral das coisas imaginárias.

A verdade é que pudemos surpreender em toda nossa história o influxo e as correntes do pensamento humano.

Contentamo-nos nas histórias comuns com o estudo dos fatos e dos acontecimentos. Parece-nos que além dessa temida puramente narrativa, nada resta a averiguar.

Trabalhamos para os arquivos e não para a vida. Entretanto, os fatos em si mesmos não passam de realidade.

Contudo, a nossa República veio um século depois da grande crise da "alma mater" da latência, e casualmente foi envolvida pela imaginação de alguns eugenheiros militares e recebeu o colorido insperado da filosofia positiva de Auguste Comte.

O — "positivismo" — de qualquer modo fez a sua primeira criação política no mundo, e deixou pelo menos uma legenda na bandeira nacional.

Mas, na realidade, produziu muito mais que um simples lema doutrinal. Chamou-nos a atenção para um dos sistemas filosóficos mais avançados e profundos do espírito humano.

Creio que de todos os lugares do orbe, sem excetuar a própria França, o Brasil é o único país em que Augusto Comte e um nome popular, assido em todas as gizes.

Podemos compará-lo ao de Camões, ainda que um e outro não sejam lídos.

Pouco importa. Falamos da lei das três Estadas com a mesma erudição com que falamos da ilha dos Amores sem o incômodo de abrir os livros e perlistrar a história literária.

Clotilde mesmo não é menos familiar que a Inês de Castro. A filosofia ou a política positiva não deu à nossa República muita coisa mas sentença a colocação sutil nas primeiras tendências do governo, na constituição do regime e na retórica parlamentar.

Igual ou parecido fenómeno

se viu no império. A constituição imperial deve a "chave magnética" do poder moderador as teorias paradoxas de um romântico liberal e sceptico como fora Benjamin Constant, o moralista e político francês.

Benjamin Constant queria a igualdade sem a democracia; mas, exactamente o Brasil sempre foi uma terra de democracia sem igualdade.

O autor de — "Adolphe" — é um dos nossos doutores constitucionais.

Não há regime de usurpações mais bem acabado que o nosso.

Como quer que seja, Joseph de Maistre De Bonald, como Benjamin Constant, são e continuam a ser os oráculos sempre invocados pela reação anti-liberal.

Se quisessemos organizar um programa e treinar as primeiras linhas de uma história das nossas ideias na civilização brasileira, o trabalho, como se vê, seria enorme, mas o proveito não seria escasso.

O defeito dos nossos historiadores é o de separar, por preguiça ou comodidade, a história nacional da história do mundo. Essa anatomia reduzida a uma vida meramente celebratória, for, da morfologia histórica.

Criação da renascença, desconhecemos o nosso estilo nacional, que é o do berço e é o que nos dá a primeira fisiognomia infantil.

Conviria acompanhar as metamorfoses da colônia, que consistia apenas em simples terras de marinha, em jurisdições territoriais de capitães de esquadra, até que os homens do mar lançaram os núcleos da vida sedentária e terrestre.

O capitão-mór a princípio era exclusivamente um título de oficial da Armada ou das fortalezas a beira-mar. A interpretação da lei mental de dom Duarte transformou-nos de piratas oficiais em senhores do novo feudalismo.

Só algum tempo depois é que os protetorados do império nacional se transformaram em companhias nas "charteradas" de exploração e conquista.

Os que haviam prestado serviço na Índia, pediam um lugar no Brasil, como o fidalgo Duarte Coelho e Francisco Carilho. Outros receberam a esquadra por multiplicação e recolha do rei. Em qualquer caso, havia muito para dar e para receber nos domínios imensos e rarefeitos da América.

A história das capitãncias foi sempre comparada ao sistema das "star rusts" da Polónia da Rússia: espécie de feudos concedidos a velhos gentilezhens, com alçada civil e criminal, quase ilimitada. Basta no título 27 do segundo livro das Ordenações manuais, verificar o abuso de jurisdição dos capitães dos lugares de Alagoas, que passou ao Brasil.

Com esta semente de abstracção que podíamos esperar do futuro?

As oligarquias que hoje dominam a melhor parte do tempo das oposições e formam o tema constante do raciocínio indignado, são tradições seculares e venerandas que a República alimenta e desenvolve como verdadeiras colunas do regime democrático e da unidade nacional. E, todavia, não há melhor acerto que o de ficar dentro da própria história.

Pode afirmar-se sem receio que o pai da nossa jurisprudence política foi o famoso João das Regras, quando ainda dormiam no seio do oceano as terras ignoradas da América.

A — "Lei mental" — de dom Duarte é a nossa primeira forma de existência presidida por mouros e judeus. É a nossa constituição primeira que vai transcendendo nos ritmos do nosso crescimento.

(1-9-1923)

## A FALÊNCIA DA NOSSA CIDADE

JOÃO RIBEIRO

Com o espírito de consolidação, a medicina aliada às palavras pôde inventar a elasticidade da vida humana e multibolar os marcos generacionais, ideais e folclóricos. É, se um dia, por desgraça, desaparecer a vida, é provável que a medicina ative a falência, pintando de branco os cabelos. E surgiram inválidas proezas, bonanças, e evocou literária de passadismo.

(Trecho do artigo Espaço e Tempo — Jornal do Brasil, 2-2-1926)

(Continuação da pag. 199)  
Embalse, proibiu o império de ser presentes que encorajam os pobres e só podiam aprazido a riqueza dos ricos.  
Mas com isso o tributo, como continuaram as festas levadas e impuras que engalanaram a tristeza plebeia em dias de loucura e de escândalo.  
Assim, começaram todos a contar e enumerar o tempo de primeiro de janeiro, há mais de dois mil anos, com igual otimismo, alimentados pela esperança de melhores tempos.  
Sim! Não sou do número dos laudatores temporis acti. Creio, piamente, que a idade de ouro não passou, nem chegou ainda, mas alvorece na manhã auspiciosa de hoje.  
1.º de janeiro de 1922.  
("Jornal do Brasil" 2-1-1922)



**NUMERO 1.**

**Revista quincenal ilustrada.**

Berlin 1º de Janeiro 1896.

**Doze Instruções.**

Revisor: João Ribeiro



Outra raridade da bibliografia de João Ribeiro — a revista "O Novo Mundo". — Em 1898, esteve o escritor na Europa, residiu principalmente na Alemanha. Encontrando-se em Berlim, deu-lhe por fazer, com Crerê Ribeiro, uma revista. Seu compromisso de director do "Novo Mundo" reside em São Paulo — e nada impedia que, um nexo entre brasileiro, o outro não o fizesse. Acassam, aliás, de melhor maneira, a cartaz publicado. O "Novo Mundo" deu alguns números. O "el-chê" é a reprodução da página de título do primeiro numero da revista que João Ribeiro era o director.

A HISTÓRIA DO BRASIL, DE  
JOÃO RIBEIRO, NUM JUL-  
GAMENTO DE ARARIPE  
JUNIOR

**-João Ribeiro**

Fui com verdadeiro encanto que percorri a sua "História do Brasil", a qual veio reforçar-me com a certeza de que estava aliado por aí um tempo.

Não é Isompor V. Invenção ou  
tente salido dos mores e com  
meios e pontos su altente ca  
meninana colos que nre e um  
andavam somente pda e no en  
der eruditos-llados.

A sua história tem o poder de ser clara e resolutiva. Com rara precisão soube ver, através dos fatos, tornando visíveis os aparelhos que controlam para civilizar nossa terra, e que, em razão de sua natureza estranha, de ordinário expõem-nos às narrações dos historiadores viajantes.

Os capítulos impressos têm o menor e destinados a expor as idéias gerais do livro e as questões de crítica histórica levantaram-me, imediatamente, não sobrecrear o espírito e por isso podem ligar com compêndio de história pública sem maior escândalo. Todavia, lamentando que os capítulos narrativos não tenham sido dotados de mais intensidade dramática, sendo esses trechos como partes reservadas para a leitura de alguns.

Receba pois os meus parabéns.

Agora uma estampa de um grupo e também de interesse. A estampa está na pág. 234, e o verso disse: "A pág. 101 da minha vida. Conferência do Equador que foi para os jornais mais palavrões que eu já vi desde Alagoas até ao Ceará". Há evidente intenção de se afirmar. Se é verdade que Pires de Andrade, presidente de Pernambuco, apenas mencionou as forças ligadas às, outquanto não sucedeu no Ceará. O presidente exilado desse Estado, Tristão Gonçalves de Azevedo Araújo, também no último momento, tendo recusado a anistia que Lord Cochrane mandou lhe oferecer sob condições de apoiar as forças. Nos trabalhos do Dr. Tatouze, Coutinho, João Brígido e S. O. dari encontrar-se as provas de que naquela época a revolução foi tomada muito ao sério. O livro correu ali abundantemente e os patriotas deram-lhe o devido valor, suplantando o pior partido. Mas não foi devido ao pedido de Russia, no povoado de Santa Rosa, mas sim cercado por uma força de 1.100 homens. Outros, porém, mais desventurados, como por exemplo o Pe. Gonzalo Nogueira, não mereceram mais atenção na luta.

Espera que numa nova eleição da câmara v. meditarão este encaminhamento dos fatos, e talvez façam votos para que o seu imperialismo "a la paulista" não enebroite a fca. 101-A, tendo, por esse tempo, se atenuando para assego de todos nos que o tememos.

Acaba um número de um e  
col. off.<sup>a</sup>

T. A. ALBRITTE JUNIOR".

# CRONOLOGIA - JOÃO RIBEIRO

Nos últimos meses, um erudito alemão Plassmann e outro (inglês?) C. Schoch, buscaram determinar as datas verdadeiras da guerra de Troia, que é ao mesmo tempo um fato histórico e legendário, participando consequentemente da fábula e da realidade.

Do grande e triste acontecimento, agora da arqueologia de Schliuman, o testemunho mais remoto são os poemas de Homero. Mas, tanto Homero como os seus poemas andam encrebrados por obscuridades, incertezas e dúvidas.

Entra em palácio e senta-se entre os pretendentes de Penelope que guardava ainda, ela só, a esperança de ver o esposo.

Expurgando o da fábula poética C. Shoch procura determinar a data deste eclipse solar. Outras palavras anteriores do texto dizem que se estava na lua nova, o que confir-

Ainda neste caso a peregrinação de Ulisses caso, a peregrinação (Continua na pag. seguinte)

# NOTAS MARGINAIS -- JOAO RIBEIRO

Cuidei muitas vezes na possibilidade de organizar um livro de Notas marginais a história do Brasil.

E com esse pensamento tenho composto um pouco a maneira jornalística, quero dizer, apressada e descuidadamente, algumas reflexões que apareceram já em diversos livrinhos de minha lavra.

Assim o fiz a respeito de Villaignon, da significação do nome Vera Cruz e quejandas outras questões e disquisições históricas ou quase históricas.

A necessidade de tais migalhas, pouco substanciais, constitui o que se chama um "alimento de poupança" para enganar o estômago nas horas de menor voracidade.

Em geral, quando lemos um romance ou um fato diverso, queremos saber o fim da história, o destino dos personagens.

O espírito não se contenta do fato principal e quer a anedota ilustrativa, a bagatela e os nomadões da vida.

A certas luzes, a bibliotheca e um método historico de grande alcance.

Um sujeito diz: o feijão e a farinha de mandioca explicam a psicologia nacional. Outro replica: as formigas darão cabo do Brasil. Um terceiro: o telegrafo de Capangema fez mais que o imperador, etc., etc.

Deve ser falso exagero dos fatores infinitesimais.

Mas, as pequenas coisas são às vezes, consideráveis.

A história escolar ressentese dessa falta de elementos numéricos e subsidiários.

A falta principal é que não sabemos o fim que levaram os nossos primeiros heróis.

No tintero, D. João VI, sonolento, antecipava o desfecho perguntando ao camarista:

Quando é que se casam esses patifes?

O rei queria ir-se embora. O casamento e o fim suficiente de todos os romances.

Não na outro Deus ex-machina para abreviar as intrigas lunáticas.

Fora desses casos patéticos, há a curiosidade mais modesta de saber o destino indiferente dos homens e das coisas.

Estudando a História do Brasil, logo em começo apinhamos como num instantâneo fotografico, a imagem do herói do descobrimento, Pedro Álvares Cabral, que viu a terra e aqui esteve pouco mais de uma semana. E, súbito, some-se no horizonte, vai para as Índias, dizem licoentes os compendios.

Mas, pessoa tão interessante não deve desaparecer como um cometa. Foi para a Índia, sim mas isso não é um quinto-ato, que fez eis lá pela Índia? Grandes ou pequenas coisas? Como desamparamo-lo depois de travadas as boas relações com a visita.

Ignoramos. Nada nos dizem do nosso hóspede. O romance do nosso herói não tem principio nem fim.

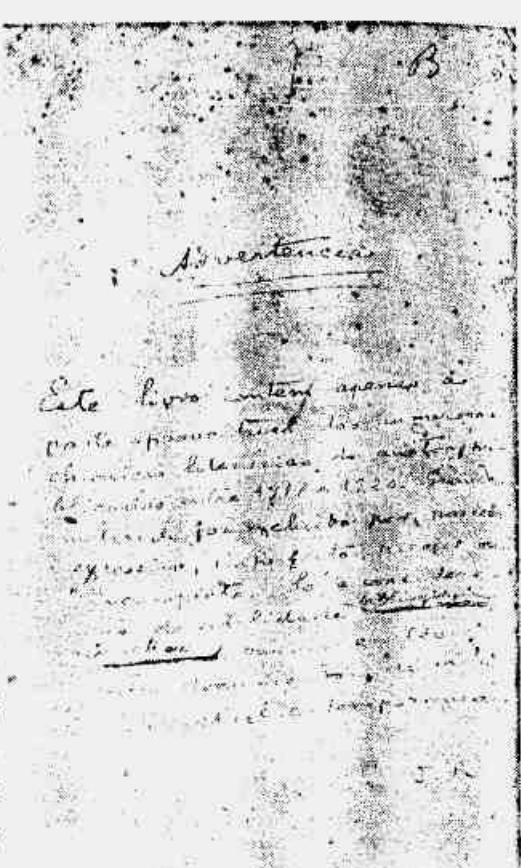
A nossa história está cheia dessas lacunas.

Pero Vaz de Caminha, por exemplo, ganhou mais ou menos uma estatua. O escrivão (que entre parêntesis tem melhor estilo que alguns dos nossos historiadores) participava a D. Manoel, como se falasse do principe de Galles haver aqui mulheres mais formosas que as da rua Nova de Lisboa.

Dado o desconto de um appetite de marinheiro jejuno, a sua verdade estetica so achou consagração, quatro séculos depois no Pau Brasil e no verde-amarello da escola nova da poesia nacional.

Com Thomé de Sousa, fundador da primeira cidade, da-se a mesma falta de desfecho.

Cá, não morreu. Que foi feito desse demiurgo? Antes de vir, tinha, dizem os compendios, bons serviços na Índia e



Uma pagina curiosa de João Ribeiro. "Família" da "Advertencia", que ele destinara ao livro "Crônicas Literárias", livro que não chegou a publicar.

até por isso foi aproveitado para o Brasil.

Quais os serviços? Como fez a promoção? foram alguns preferidos segundo a praxe na etica burocratica?

Eis aí novas lacunas nesse eterno claro-escuro da historia pátria.

A nossa história não nos conta o resto das coisas. Deixa-o na obscuridade, Lendo-temos a impressão de que é iluminada a relampagos.

Essa occitância de piscar-olhos cansa o espirito.

Cumpria, talvez, aclarar essas intermitências dizendo alguma coisa a margem das considerações tidas e havidas por mais importantes.

O método cronológico, que é indispensavel na história, obriga a só registrar os acontecimentos e os fatos, esquecendo a psicologia e a história dos indivíduos como excursos perturbadores.

Assim é. Entretanto imaginamos possível que um dos nossos mestres se lembre em horas de lazer, de compor as — Notas marginais — da nossa história com o intuito de corrigir as re-

ticências forçadas que a falta pontilhada de pequeninas curiosidades.

(Jornal do Brasil) - 6-4-1910

## FALTA-NOS DOMINAR O TEMPO JOAO RIBEIRO

Falta, pois, inventar o dom da antecipação.

Há uma poesia de Ruckert em cujos versos uma pessoa estranha e superior as distinções das plúdes, espécie de Judeu errante, passa por um lugar onde houve quodous cidade, e volta mais tarde a encontrar um lago tranquilo, e ainda depois, vê o lago enxuto em cujo leito, pastam ovelhas e navegem-se os rebanhos, e mais tarde ainda o rebanho desaparece e ressoa a cidade rumorosa, capital de um império novo.

Essa estranha personagem sem tempo, assiste impassível a todas as mutações e vicissitudes da terra, das suas catástrofes e das suas vaidades.

A verdade é que vencemos o tempo da hora o espaço, mas resta por conquistar ao nosso domínio o tempo.

Trecho do artigo Espaço e Tempo — Jornal do Brasil, 2-2-1910

## CRONOLOGIA

(Continuação da pag. anterior)

nação de Ulysses, as suas viagens e aventuras ocupam igualmente outro decênio de 1187 a 1177, antes de Cristo.

Claro está que esses resultados dependem da veracidade do texto homérico, e fora dele, a erudição histórica não conta com outros recursos.

A pesquisa de C. Schoch parte preliminarmente do exame de uma dilatação de tempo (entre 1234 e 1140) em que com maior verossimilhança se deu a catástrofe e destruição de Troia.

Não foi esta a primeira vez que a cronologia antiga se achou determinada ou comprovada pelas taboas astronômicas. O cerco de Syracusa no segundo período da guerra do

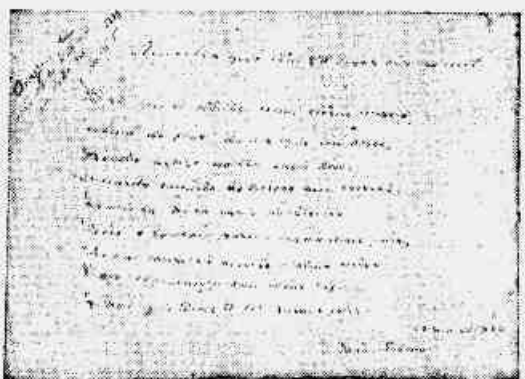
Peloponneso também coincidiu com um eclipse.

Escrevi estas linhas de esboço, ao proveito, pensando nas estu-dantes da história antiga e nos raros espiritos que delectam o mais anecdótico e agradável poema de Homero.

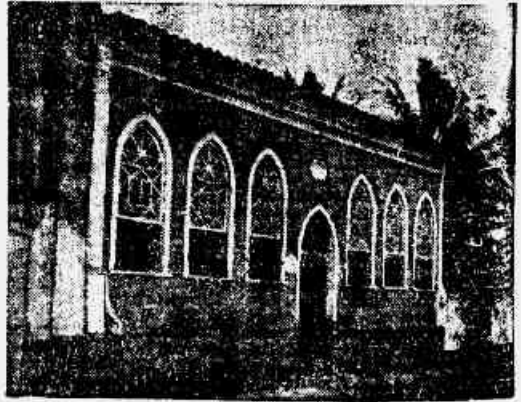
A vida e as aventuras do astucioso Ulysses ainda hoje se reconhecem nas histórias do "fol clore" que todos conhecemos, sob aspectos mais ou menos distancados e alongados do texto primitivo.

Andrew Lang, o grande folclorista inglês, escreveu um livro cujo intuito foi identificar os contos da "Odysseia" com grande número de contos europeus.

"Estado de S. Paulo".



Um acróstico feito por João Ribeiro — talvez o último trabalho do poeta. A cópia foi feita por Alberto de Oliveira



Casa em que nasceu João Ribeiro, em Laranjeiras, Sergipe



# Os companheiros de Pedro Alvares Cabral — João Ribeiro

Se quisessemos romanciar a história pátria e se ainda estivesse na moda a arte de Walter Scott, hoje um pouco fora de uso, o descobrimento do Brasil seria um dos seus mais capazes de alimentar a fantasia dos nossos escritores.

Nesse episódio inicial da nossa história o mistério propõe os seus origens, o fulgor do renascimento na sua mais bela época, a poesia do espanto pelo desconhecido, a surpresa do acontecimento que revelou a nova terra incógnita para os grandes navegadores que faziam o perigo da África.

A frota de Cabral compunha-se de nove ou treze navios, e tal era o segredo dessa composição que as próprias cartas marítimas guardam quanto ao número. João de Barros dava o número de seis naus para essa expedição que ia tratar o comércio do Oriente, a que se associavam cavaleiros e mercadores portugueses e fidalgos.

O que é certo é que essa gente de aventura deixou alguns nomes perdidos nos documentos e nos arquivos, e nada de mais fácil a fantasia dos romancistas do que evocar e desenvolver as figuras que esse laço relevo celebraram a glória do simpatizante que tirou da terra maravilhosa da Santa Cruz.

A própria intensidade da vida marítima nesse período justificava um pouco a inclinação retrospectiva do que se faz, fazendo, sem tempo para recordar a crônica as minucias anecdóticas do grande acontecimento.

Era um momento de acção interrompida encadeada no ritmo adquirido e já incoerente.

Dos nossos historiadores que floresceram na época romântica quase nenhum quis aproveitar o tema heroico do descobrimento. Já havia acabado a tarefa dos primeiros cronistas e romancistas e os tardios eruditos que vasculhavam os arquivos com a esperança de novas revelações.

Varnhagen, copas da história era entretanto incapaz da poesia. Erudito, como o era Hebebrand, não tinha como extrair o dom da imaginação.

Hebebrand fez a história portuguesa e ao mesmo tempo a de Faria e o Monge de Clérigos as lúidas e narrativas modernas inspiradas da sua erudição histórica.

Varnhagen tentou escrever um romance do descobrimento e imaginou a crônica e novela medievalesca e anônima que aparece no "Panorama" — obra romântica destinada de vício literário.

O romance da fonnosa India Ypoca e de um degredado e cético, enigmático e lapidado de grande historiador, sobreviveu em que a inteligência da verdade matava a poesia.

A verdade? Não, que seria muito. Digamos que lhe sofocavam a inspiração os fatos que escaparam pelas frechas requintadas dos papéis velhos.

Aquela tentativa, frustrada e inútil, não merece o nome de romance histórico nem tempo em que toda a literatura europeia se abeberava desse eterno fascinação, mas efêmera.

Entretanto, os crônicos do descobrimento revelam nos companheiros de Cabral algumas figuras que estão a despertar a curiosidade e a imaginação, os sentimentos místicos e católicos de bons escritores.

Aqui foram logo em começo deixados em desamparo sob o desvelado: a dos juntações de dois grandes fugitivos, quando já a frota velejava para o Oriente.

Que vida tiveram nessa primeira viagem, potada pelos nossos tapalhões?

Trinta anos depois, o domitório desse quinhão de tempo, Pedro de Campos Tourinho, já

não achou vestígios da vida e quatro homens casados os filhos que foram os primeiros a entrar em contacto com a tribo dos indígenas de Porto Seguro.

Não só desses desamparados, mas dos marinheiros mesmos que prosseguiram na rota cabralina, vários nomes não impressivos e curiosos.

O guardião Frei Henrique, que disse a primeira e a segunda missa, preou e antevia na terra firme, profeticamente, a seara destinada a colheita cristã. Assim é que ele tomara o tema das apostolias que seguiram a Jesus provavelmente segundo o texto de Mateus quando da Galiléia se lhe ajuntaram os pescadores.

III autem statim relictis retibus et patre secuti sunt cum IV-21.

Quanta poesia ingênua nessa proselitismo que Jesus não podia nem recusar!

Outra figura do descobrimento é a do escravo Fernão Vaz que escreveu as primeiras linhas da nossa história, e com tantas antecipações que o documento já foi acusado de apócrifo.

Parece coisa impossível dar informações cabais, com tão pequena experiência, de uma frota que apenas aqui ficou o tempo necessário para descansar e converter algumas provisões.

Mas eram muitos os que, saindo a terra, observavam e o exercício certamente cuida

da equipagem e dos oficiais tudo quanto lhe contavam.

Entre esses homens da armada havia um capitão "homem leão", alegre e folgazão que se entreteve com as gentes da terra e soube agradar ao gentio: era Diogo Dias, o irmão de Bartholomeu Dias.

Este mesmo Bartholomeu Dias, inquestionável e glorioso descobridor do Cabo das Tormentas, depois da Boa Esperança, foi um dos capitães da frota. O seu navio naufragou em naufrágio ali nos mares de rus klória, que despertou em Diogo o admirável episódio do Adamastor.

Aqui espero tomar senão me enganar De quem me desenhava um a vingança...

Dois figuras em uma só: a do vidente do Adamastor e da revelação do último episódio do antigo continente.

Outra figura desse pothudo de heróis é a do navegador, mestre João, filho com algumas manhas de navegadores, que desenhava a esquadro do Cruzeiro e talvez foi o primeiro a dar-lhe o nome de cruz celeste.

Ainda agora preocupa os eruditos a família dos navegadores Marchionni, de Florença, estabelecidos com grossos capitais em Lisboa e interessados no comércio e trato das companhias longínquas.

Pois um deles, Bartolomeu Marchionni florentino, participou da frota e a sabido que a

Paris 21. 1903

Hotel de l'Europe

(Paris)

Marcos Simão,

Quisera poder apanhar o na era poética, mas com que prazer faria Deus o fa-  
tor com a saúde, e para quem tem saúde,  
e a um mestre, desterrar, e, coberto com  
filhos, e sempre um erro, porque não ha-  
tura tão boa, tão doce, tão generosa  
como a nossa. O seu lugar é ali. A  
luz, variedade, originalidade da sua fi-  
ção literária em parte alguma seriam tão  
bem apreciadas, e em qualquer meio que  
não lhe fosse inteiramente simpático, e  
deixou-me dizer-lhe, anotação seu, de  
resumir, descrever, e, a história em

Tudo pelo seu papel, que não muito gra-  
da ali. E os filhos! Como cresce — e  
sem a luz, sem expansão exterior, em  
relações naturais, com as inúmeras  
reacções da terra natal sobre o desen-  
volvimento harmonico de e a persona-  
lidade nacional, casual, do homem?  
Confio na conquista que o contabato  
da história, e todos, como se dos que  
tem a indução do que é grande e angu-  
lar, com que a nomeada primeira a des-  
tarte. Uma carta minha ao Rio de  
de nada sabia, onde a sua própria  
expiação não bastasse por si mesma.

Ele é ambicioso de agradar aos homens  
que representam, como o te, a summa  
e o cume da inteligência brasileira.  
Para mim, porém, seria uma  
extraordinária violência escrever-te n'  
aquele sentido. Não quisesse ver cumpri-  
do n'essa repolição, n'essa atenuação  
com as novas letras, e o novo  
pequeno, pelo mesmo, patinário intel-  
lectual. De uma carta minha a você  
se, esta vez, mas, pelo amor de Deus,  
não a morte, não me apossa a em-  
barração, que por ser voluntário e  
ainda mais odiado para o governo que  
se submeter a ele. Se quer saber  
do Brasil, faça-o sem a responsabili-  
dade dos que o consideram uma das suas  
solidariedades e o orgulho da nossa terra.

O Graça creio-me sobre a sua colato-  
ração no fôro da história e sobre a reac-  
ção clássica portuguesa de que levanta  
a bandeira. Suas opiniões são castidas  
de espírito, e por isso no futuro far-  
lia era futuro, uma vez produzida  
todas elas, o mais seductor dos  
diálogos, umas arguindo e respon-  
dendo — as outras, todas com a acen-  
tuação do seu talento.

Do seu Am. e fôro 1880

João Ribeiro





# CONTEMPORÂNEA - 2.ª Série - Antologia da Prosa - XIV - Barbosa Lima Sobrinho

## TEORIA DAS ALMAS — Barbosa Lima Sobrinho

Na última vez em que estive na Casa de Saúde S. Joaquim, tentava visitar o meu companheiro de prisão, o jornalista Vitorino dos Campos, que se encontrava atacado de uma obstrução, que os médicos denominam incurável. Assim, na portaria, que o deixava ver e, como sabia que a presença dele não seria imediata, resolvi esperá-lo no parque, sentado num banco de madeira, que ficava maravilhosamente próximo da copa de uma grande mangueira.

Não estava sentindo muito tempo, quando vi chegar, correndo, um sujeito de seus quarenta anos, magríssimo, nariz, desgrenhado, vestido com uma roupa de brim cinzento. Olhava fixamente para a copa, acompanhando, como pude verificar, um sujeito que caminhava pela calçada, junto das grades, para que amoviam o parque da Casa de Saúde S. Joaquim. De repente, vi que o sujeito de roupa de brim, parara e, alguns minutos depois, passou para o outro lado da calçada, encostando-se ao muro.

— Aquele homem é capenga! — Estando na minha frente da boca, berçava, minha mente.

Capenga? Capenga? Capenga? Não para o senhor que passava na rua. Não me parecia que capenga. Ao contrário, andava com uma firmeza, tão, até mesmo solene, trazendo uma roupa escura, com um chapéu de couro, a que dava maior importância à bengala, que ele movia de um modo autoritário. Não me pude conter, que não tivesse ao homem de roupa de brim que ele estava, de perto, equivocado. O transigente não era coxo.

Mas as minhas observações não fizeram efeito, pois o sujeito continuava a berrar, num diapasão que eu não entendia, no mesmo tempo que manobrava fortemente, na iniciação desordenada do defeito que estava corrigindo, e que eu não via de modo nenhum.

— Aquele homem é capenga! Capenga! Capenga! O senhor que passava na rua fingia não ouvir os gritos que o acompanhavam. Mas a insistência, o eco, o ritmo, o frotamento, visivelmente, repartiu que movia a bengala mais depressa, batendo com força, numas vezes, quase a atingir a ponteira da pedra do calçamento. Todas as pessoas, que se achavam por perto, estavam de olhos presos a cena pitoresca, ouvindo erga no desespero daquela gritaria interminável.

— Capenga! Capenga! Capenga! Então, o senhor só não parou na calçada, voltando-se gravemente para o lado de sua perseguição, e fez um gesto obscuro, com uma violência, que me fez sentir ouvir, da distância em que me achava, o ruído do braço batendo no outro. — Puff!

Em vez do homem de roupa de brim dar pulso, lástima, de alegria formidável.

— Não disse? É capenga! Enquanto o senhor só não desapareceu do meu vista o homem do parque não parou a gritaria, bem o coxeiro agitado, com que seguia a manobra do transigente. Depois, estendeu, ofendendo os lábios enfiados no fundo do corpo, o olhar vago. Aproximou-se e convidou-o a sentar-se no meu banco. Respondeu maquinalmente, deixando-se conduzir, com o olhar vago, que não coxeava mais. Quando por parecer que estivesse descançado, perguntei-lhe:

— Então, aquele homem era capenga?

— Para não ver? — replicou, muito sério.

Contrari que não tinha visto. Pareceu-me, lá, que o senhor andava direito. O homem encareceu-me com uma expressão de reprovação, que vinco, ainda mais, a sua face magra e cansada. E explicou, espalhando bem as sílabas:

— Tranço absoluta certeza de que a alma dele é capenga.

— A alma? — perguntei, com um assombro, que não consegui disfarçar.

Ele repetiu, firmemente:

— A alma.

— Ah! Eu estava pensando que se tratava do corpo.

— Não, o corpo não me interessa. É um acidente sem importância. Basta considerar que, com um simples tórax, ou com uma barba, qualquer pode mudar inteiramente a fisionomia de uma pes-

soa. Se um bonde corta a perna da mais linda das moças, ela deixa de nos merecer admiração, para nos inspirar piedade. A alma não fica ao alcance de mudanças tão repentinas e insignificantes.

Não se sinta, pois, precipitadamente assim que lápis o homem de roupa de brim, no parque da Casa de Saúde S. Joaquim. Estou certo, porém, de que era essa a substância de seus conceitos. Contesse que a ter me parecido sentar-se, não obstante o espanto com que o princípio a encidei. Já Hamlet declarava que, entre o céu e a terra havia muito mais coisas do que o homem a nossa vã filosofia. O meu companheiro raciocinava dentro desse infinito das conjecturas humanas e tinha, pelo menos, nas suas palavras, a força e o encanto da lógica. Manifestava tais impressões, e os aplausos que elas me arrancavam.

— Sem dar importância aos aplausos, o homem de roupa de brim prosseguiu:

— As coisas gordas, que carregam alma enfadada, sem alegria e sem resistência, há sujeitos esquisitos, que tem enxada na alma. Moças formosas podem buscar o espírito rabugento e enrugado de vilões, por vezes. Por que deter o olhar no físico, que nada representa e nada vale?

Estava explicada a cena a que assistira. Para ouvir a confirmação, perguntei:

— Então, aquele homem, que passou na calçada, era capenga de alma?

— Sem dúvida nenhuma, respondeu. Eu vi perfeitamente que era capenga. Mas ele ignora o defeito, e até pensa que é modelo na elegância no andar.

— Todas as almas, quem sabe? — talvez sejam capengas, disse eu, com a intenção vaga de fazer uma afirmação fácil. Mas o homem do parque me considerou com uma surpresa infinita, que me deixou humilhado.

— Que tolice! Há almas que andam muito bem, harmoniosamente, embora possam ter outros defeitos, como a cegueira ou a surdez. Há almas baixas e altas, franzinas e espandidas, almas de nariz grande, sardentias, ruivas, carecas, miopes, vesgas, manietas, imberbes, bigodudas, atléticas, tuberculosas... A mesma coisa que em relação ao corpo, sendo que, portanto, coincidem as características do espírito e do físico. Sucede, também, que o corpo se modifica durante a existência, desenvolve-se, entra em declínio, no passo que a alma se conserva inalterável, por toda a duração da vida. Quem possui alma velha, pode sair de roupa curta, que será sempre aneado denunciando-se na maneira grave com que se porta na brincadeira. Ao contrário, as almas infantis, mesmo quando o corpo se apresenta sob o aparado dos cabelos brancos, são sempre, e forçosamente, infantis.

Tive um gesto de assentimento, recordando, mentalmente, uma porção de meninos da minha geração. A curiosidade levou-me a perguntar:

— E a mim, por exemplo, que idade me dá o senhor?

— Que idade o senhor pensa que tem?

— Pelo registro de nascimento, ando aí por cinquenta e poucos...

— Não lhe disse, respondeu ele triunfante. A sua alma é muito mais velha. Deve andar pelos oitenta anos. Alma cansada de viver, alma sem ilusões e sem esperança... Vejo-a nitidamente, abrigada, com um gesto bordado, urtando-se os pés os joelhos duros, os olhos lá sem brilho e a voz tão sem timbre...

Falando desse modo, aproximava-se de mim, com o gesto amável de quem procurava oferecer-me o apoio do braço. Repeli-o com alguma vivacidade, que ele chegou a notar:

— É verdade! Lá espreitando que estava olhando a alma...

Preocupado com o episódio, que não me parecia agradável, fiquei enfiado alguns momentos. Meu companheiro se deixara perder, também, em alguma de suas insensíveis abstracções. Rompi o silêncio com o louvor daquela estranha faculdade, que permitia conhecer o íntimo das criaturas humanas. Falava vagarosamente, sem muita sinceridade, depois daquela tolice dos meus oitenta anos. O homem

de roupa de brim ouvia os elogios, indiferente. A certa altura, interrompeu-me:

— De que vale essa lufardagem? Pensa que estou aqui por outro motivo?

— Mas tudo que diz é perfeitamente lógico e simplificado. É uma doutrina como outra qualquer. Lá fora, tenho ouvido teorias menos razoáveis.

— É o que parece, explicou, há verdades escondidas de ver as almas trouxeram-me algumas das ideias frequentes com os meus semelhantes. Há quem, louvavam, diante de mim, pinturas, que eram as mesmas de modo de pífias e tinha por propósito, aludindo as deformidades, que eu podia adivinhar, mas que os outros não entendiam. Via e ouvia palavras de indivíduos magros, as vezes, exaltados e a expressão do olhar de pessoas e rios ou de rios. Nos primeiros tempos, levavam as almas contra a conta de paradoxos e extravagâncias. Depois, as pessoas, que dissolvi comigo, recebiam de mim, com tolerância. Ouvia-me atentam e recordando, aplaudindo. Fui satisfeito por perceber que seria o começo da vitória. Mas sabia que era a alteração apenas representada a convicção de que eu estava, de que eu não podia mais merecer a atenção das pessoas, que se consideram perdidos de saúde e de equilíbrio mental.

— Mesmo assim, ponderei, não havia razão para que o deixassem aqui.

— Mas é que um dia discuti com alguns amigos, com os meus contradições. Que o meu nome branco, ao passo que eu via nitidamente que era malado. Meus contendedores se exaltaram, e eu também fiquei para viver a minha serenidade habitual. Acabamos pelejando na rua, com o resultado de algumas esbores quebradas. Dissimulei, então, que eu estava furioso. E troquei um carro fechado. E tudo. Os homens usam recursos sumários para eliminar as diferenças de temperamento, ou a a vida das faculdades humanas.

— Sofreu muito o senhor, aqui dentro?

— A princípio, sofri. Tinha saudades dos hábitos, da casa dos conhecidos. Hoje, porém, não quero sair. Isto (disse ele, abrangeado, com um movimento do braço, o conjunto das edificações) e o grande palácio das almas. Ninguém precisa atende-lo ao corpo. Quando afirma que um sujeito é surdo, todos concordam. Olhe ali, está vendo aquele jovem, que vai passando naquela alameda, a direita?

Olhei na direção que ele apontava:

— Não vejo nenhum jovem, disse eu, mas somente um velhinho de estocada alva, a trelear o canilho com uma bengala branca.

— Tem apenas quinze anos, respondeu meu companheiro.

— Não é possível! Com aqueles cabelos, que se ancoram trêz, aqueles ombros curvados?

— Impossível, ele repetiu, solenemente:

— A alma dele tem quinze anos.

— Ah! B. M. A alma.

— Não percebe também que é cego? — perguntei o meu companheiro de branco.

— É claro. Ele vai fazendo o caminho, a rosto imóvel, o passo vagaroso...

— Pois bem, então, ele pensava que andava perfeitamente. Mas eu lhe disse que era cego e nunca mais ele viu coisa alguma. Fora daqui, não acreditaria na minha palavra. Na teia palácio das almas, ao contrário, ele e todos os outros aceitam a minha doutrina...

A voz lhe fugiu, com a atônica, e os olhos brilharam mais vivos:

— Olhe! Ele volta!

Levantou-se a berrar, fazendo gestos desordenados:

— Aquele sujeito é capenga! É capenga!

Os outros indivíduos do parque passavam, distraídos, caminhando vagarosamente, pelos alamedas cheias de sombra. Dois ou três, porém, serenos, tranquilos, superiores, seguíam agora com um passo mais lento, que coxeava ligeiramente.

(De "O vendedor de discursos", — Barbosa Lima Sobrinho).

# COELHO CINTRA — Barbosa Lima Sobrinho

As minhas recordações pessoais, relativamente à vida de meu tio avô, José de Cupertino Coelho Cintra, estão associadas, em grande parte, ao período de minha infância. Eu já o conheci velho, grisalhas as cabelos longos, que me lembravam o seu rosto marcado. Era no tempo em que ele residia na rua Bibiana, na colina de Santa e tantos anos. O que mais me impressionava nessa época, não era a personalidade do tio, mas a sua maneira de falar, como todos o chamavam, meu. Havia, no fundo do quintal de uma casa, dentro de uma corrente de barracão, um bundo pequeno, em condições de

transportar uma turma de eretados Unidos, em matéria de tração elétrica. E queria ser o pioneiro desse melhoramento na América do Sul. Outros ditos, que só pensavam no rendimento da companhia, assustavam-se com a iniciativa do engenheiro audacioso. E não faltavam os engraxados. Isto é, os defensores da eternidade das porcelanas de burros, como sistema de tração.

Antes de Coelho Cintra, fizera-se uma experiência de bonde de tração elétrica. Montaram pilhas e pequenos motores, nos carros comuns e acionados com esferas de latão, a inauguração, presentes todas as autoridades, in-

clusive o Conde D'Eu. O ponto de partida seria o Largo do Machado e a viagem deveria terminar no Largo dos Leões, onde estava preparado um lunch para a comitiva do Príncipe. Apenas, não se pensara convenientemente na carga das pilhas. A meio da excursão, elas não funcionaram mais, e o bonde do Conde D'Eu chegou triunfalmente ao Largo dos Leões, puxado por uma partida de emergência. Daí a impressão de ridículo, com que se acompanhava a ideia de eletricificar o serviço de bondes. Mas Coelho Cintra não se intimidava diante de semelhantes ob-

táculos. Reagiu valentemente. Enfrentou os adversários usando de uma faculdade, em que era mestre: o sarcasmo. E afinal venceu. O serviço de bondes foi eletrificado dentro de planos que ele traçara, movendo instalações que ele próprio encomendava.

(Continua na pag. 212)





Conto de  
Barbosa Lima Sobrinho

— Remorso? Ele fez o que devia fazer. Acusação

passou por lá, a cavalo, Morinha foi na garupa. Por  
reer que tornavam a estrada da serra.

mento. As estrelas, as estrelas, a linha de partida, mas  
 continua na página seguinte.

